

TECENDO A ADOLESCÊNCIA E A PATERNIDADE NA MODERNIDADE LÍQUIDA: EDUCAR PARA A ALTERIDADE

Lucielma Moreira da Silva ¹

RESUMO

Ao vertiginoso ritmo de mudança na cultura e da sociedade contemporânea, pode-se verificar atualmente um descompasso que afeta as tarefas educativas. Com isso, a esfera social tem se reportado com frequência a mediação da família, visado encontrar as condições para o efetivo desenvolvimento educativo dos adolescentes. Nesse viés, a relação pai-filho vem ganhando um olhar cuidadoso, pois o pai assumiu por muito tempo, uma postura invisível ou acomodada na função educativa do filho. Nesse contexto, o presente artigo tem por objetivo identificar a importância do educar para a alteridade na relação entre o pai e o filho adolescente, focalizando o contexto educativo de interação e responsabilidade. A perspectiva filosófica de Lévinas contribui como base para conhecer este processo de repensar as nossas relações humanas, as quais, muitas vezes, são marcadas, na nossa sociedade atual, por relações castradoras de reconhecimento a alteridade do outro sujeito na própria família. O método utilizado foi o estudo de Casos Múltiplos, realizado com adolescentes residentes em bairro de classe média em Salvador/Bahia. Para a coleta de dados, foi utilizado o “Roteiro de Entrevista sobre Adolescentes e sua adolescência: família, escola, sociedade” da pesquisa maior intitulada ‘Adolescentes e suas adolescências’, realizado na disciplina “Contextos Familiares: vínculos de identidade e pertencimento” no Programa de Pós-Graduação em Família na Sociedade Contemporânea, da Universidade Católica do Salvador. Os principais resultados revelam que os adolescentes entrevistados apresentam a figura paterna, como elemento importante na socialização primária e nas relações simbólicas de respeito e reconhecimento do outro.

Palavras- chave: Família. Paternidade. Adolescência. Alteridade

1 INTRODUÇÃO

Estudar a alteridade na contemporaneidade significa compreender os vínculos na perspectiva da modernidade líquida, e num segundo momento as relações familiares, reconhecendo as dinâmicas que constituem o educar para a alteridade em meio às fragilidades de organização social, de inversão de valores, de alter ego, de consumismo e uma interminável luta por justiça social.

Dentro desta perspectiva, Bakhtin (2003) contribui ao dizer que é na alteridade que os indivíduos se constituem. O ser se reflete no outro, refrata-se. A partir do momento em que o indivíduo se constitui, ele também se altera, constantemente. E este processo “[...] é algo que

¹ Graduação em Pedagogia. Especialista em Gestão e Coordenação Educacional. Mestranda em Família na Sociedade Contemporânea. UCSAL. E-mail: lucineew@bol.com.br.

se consolida socialmente, através das interações, das palavras e dos signos [...]”. Ele afirma que “é impossível alguém defender suas posições sem correlacioná-las a outras posições” (BAKHTIN, 2003, p. 33-34). Por esta razão, torna-se relevante refletir sobre a formação do adolescente, na perspectiva da Alteridade no ambiente familiar, até porque a base dos princípios do sujeito inicia-se através dos ensinamentos primários da família e a alteridade é fundamento da identidade.

Este trabalho nasce no contexto da pesquisa maior intitulada ‘Adolescentes e suas adolescências’, realizado na disciplina “Contextos Familiares: vínculos de identidade e pertencimento” no Programa de Pós- Graduação em Família na Sociedade Contemporânea, da Universidade Católica do Salvador. O presente estudo constitui uma primeira aproximação do tema, especialmente complexo sobre Educação e Alteridade no tempo presente, principalmente na relação adolescente e a figura paterna, pois o pai também é responsável em promover, na vida dos filhos, um verdadeiro desenvolvimento das virtudes.

As agências socializadoras, principalmente a família deveriam estar preocupados com a dimensão alteridade, porque uma vez educados assim, vários problemas sociais seriam superados. Quando ensinados para alteridade, a vida ganha um novo sentido, nas relações com o meio ambiente e com os outros homens, na qual aprende-se a conviver com todas as possíveis diferenças. Assim, reduz-se a tensão social causada pelo exagero do eu, distribuindo o sentimento do nós para qualquer atitude humana, especialmente num contexto social em que as relações aparecem fluídas, na linguagem de Lipovetsky (2004), ou líquidas, segundo a expressão de Bauman (2007), ou ainda flutuantes, como prefere Donati (2006, 2009).

Como destaca Donati (2011), deve-se recordar que “a família gera virtudes sociais porque o caráter suprafuncional da família implica todo o coro de virtudes, pessoais e sociais”. Dentro desta visão se faz necessário, pensar a função do pai como provedor de cuidados e socialização primária, que precisa ter voz e ser visto no ambiente familiar como elemento contribuinte na educação do filho, e não só como provedor de recursos materiais. Nesse contexto, surgiu a seguinte problematização: De que forma aspectos de interação e responsabilidade transmitidas pelo pai influenciam no educar para alteridade na visão do adolescente?

Este estudo tem como base a abordagem relacional de Donati, a alteridade no pensamento de Lévinas, a dialética da modernidade de Bauman, a concepção de juventude na visão de Abramovay e a teoria do envolvimento paterno de Lamb. Dentro desta lógica de pensamento, este artigo tem por objetivo identificar a importância do educar para a alteridade

na relação entre o pai e o filho adolescente, focalizando o contexto educativo de interação e responsabilidade.

Trata-se de uma pesquisa qualitativa realizada com adolescentes entre 13 e 17 anos de idade, residentes em classe média da Região Metropolitana de Salvador/ Bahia.

2 DESENVOLVIMENTO E APRESENTAÇÃO DE RESULTADOS

Essa pesquisa faz parte da pesquisa maior da disciplina “Contextos Familiares: vínculos de identidade e pertencimento” do Programa de Pós Graduação em Família na Sociedade Contemporânea da Universidade Católica de Salvador, que teve como participantes adolescentes moradores de bairros de classe média, com idade entre 13 e 17 anos de idade. Segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS), a Adolescência é um período que se estende dos 10 aos 19 anos de idade.

A pesquisa é de natureza qualitativa e, segundo Minayo (1993), o método qualitativo utiliza como matéria, a fala, a linguagem expressa de seus participantes sob suas várias formas, aproxima principalmente o social e seus atores que nele figuram. Tal descrição converge com a natureza do referido trabalho.

Foi utilizado o estudo de casos múltiplos que é uma metodologia de investigação adequada quando se procura compreender, explorar ou descrever acontecimentos e contextos. É um método de organizar os dados, preservando o caráter unitário do objeto estudado. Yin (1994) afirma que este método é adequado quando pretendemos definir os tópicos de investigação de forma abrangente, quando queremos considerar a influência do contexto de ocorrência do fenômeno em estudo. O autor aborda que o estudo de caso é um processo de investigação empírica com o qual se pretende estudar um tema no contexto real em que este ocorre.

Participaram deste estudo específico para a SEMOC, sobre o eixo Família, Alteridade e Educação três adolescentes residentes em Salvador/Bahia, em bairros de classe média. Os critérios de inclusão foram: ser adolescente com idade entre 13 e 17 anos, residir em bairro de classe média de Salvador, aceitar participar do estudo assinando o Termo de Assentimento Livre e Esclarecido, os seus responsáveis permitirem que o mesmo participasse da investigação assinando o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

Para a coleta de dados, foi utilizado o “Roteiro de Entrevista sobre Adolescentes e sua adolescência: família, escola, sociedade”, elaborado por professores do Programa de Pós-graduação em Família na Sociedade Contemporânea, da Universidade Católica do Salvador, e

pelos alunos da disciplina “Contextos Familiares: vínculos de identidade e pertencimento”, no segundo semestre do ano de 2017.

O projeto maior de pesquisa intitulado “Adolescentes e sua adolescência: família, escola, sociedade”, foi submetido e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da UCSal (CAAE: 75119717.7.0000.5628; número do parecer: 2.274.921). Após tal aprovação, os autores, utilizando os critérios de acessibilidade e os de inclusão mencionados anteriormente, foram convidados para participar do estudo adolescentes, com idades entre 13 e 17 anos.

Após o consentimento dos mesmos e de seus respectivos responsáveis, foi realizada entrevista com os adolescentes em local de conveniência para eles. No caso, parte das entrevistas ocorreu na casa de um entrevistador e parte na escola dos outros entrevistados. As entrevistas duraram cerca de 40 minutos e foram gravadas para que nenhuma informação se perdesse. Ficou estabelecido que, caso houvesse desconforto por parte dos adolescentes, as entrevistas seriam interrompidas e os participantes seriam encaminhados ao Plenus/UCSal para atendimento psicossocial.

Os dados obtidos foram analisados de forma descritiva. Segundo César (2005), no método de estudo de casos múltiplos, a ênfase está na compreensão fundamentada no conhecimento do que se quer investigar. Buscou-se a descrição segundo a ótica dos adolescentes na relação de envolvimento do pai através da interação e responsabilidade, focalizando os aspectos positivos e negativos na sua formação pessoal.

2.1 Educar para a Alteridade com base na concepção de Lévinas

Ao longo do tempo os indivíduos vão construindo as máscaras que envolvem o ego, as “personas” segundo Freud, e com elas fomos desenvolvendo uma série de projeções de um sistema que privilegia o mercado e de uma relação onde o eu domina o outro, vestígio da tradição ocidental. Educar para alteridade quer ser um imperativo construído a partir da necessidade de novos tempos, de reflexão sobre o pensar, praticar e ser da face humana.

Segundo Meyer (2000), a negação do outro traz subjacente, o desejo de erradicar a alteridade presente no próprio eu, que quer se afirmar como uno em um mundo fragmentado, onde o reconhecimento da diferença parece ser uma ameaça perigosa. O outro questiona e julga, a todo momento, aquilo que somos, nossas convicções, nossos modos de agir, tal como procedemos em relação a ele.

Na crise da subjetividade moderna o que emerge é a centralidade do sujeito autônomo e racional, em detrimento das relações com o outro. O que emerge é a figura de um sujeito

livre, independente e senhor de si. A filosofia ocidental durante muito tempo colocou-se como horizonte e baseou-se num sujeito único reforçando a visão antropocêntrica de ver o mundo, as pessoas, a educação, a sociedade e as relações, anulando assim as diferenças.

Voltando-se para o campo educacional percebe-se que esse pensamento foi se fortalecendo na dedução do outro a partir do eu através dos paradigmas que visavam a autonomia do ser humano. No entanto, Lévinas rompe com essa subjetividade solipista e vai fazendo filosofia a partir do cotidiano e não de um eu que restringe a alteridade à esfera da identidade.

Com base na filosofia levinasina é possível entender a educação familiar sem que ela seja domesticadora ou doutrinadora, mas fecunda. A educação nessa perspectiva é entendida como ensinamento ético que se manifesta no acolhimento pelo Outro. Para o estabelecimento de uma filosofia da Alteridade, Lévinas empreende uma mudança de atitude ética, em que o eu livre e autônomo é posto em questão pelo Rosto do Outro.

A alteridade em Lévinas para o campo da educação implica na postura de um mediador aberto, pois sua relação com o sujeito requer a presença imediata da alteridade que ocasiona e desperta a emergência do outro na relação. Parte-se da acolhida do outro que ultrapassa a imagem que dele faço pelos conceitos e representações. Conceber a forma como se é educado com responsabilidade, demanda sinalização do horizonte do qual estar inserido, para estar ciente de quais perspectivas responde-se ao rosto do outro, que tem voz e nome, cuja responsabilidade está no alicerce da experiência educativa. Tematizar a educação na teoria de levinasina é um modo de poder resgatar e garantir a humanização do ser humano respeitando-o na sua diferença.

2.2 Adolescência na Sociedade Fluída

Vive-se uma cultura que acentua o individualismo como uma busca essencial, natural e que por vezes regula as relações sociais em que o eu posso, o eu tenho passa a definir as regras de convivência social, política e econômica. Há grande busca pela felicidade e nesse horizonte o encobrimento do outro recusando sua alteridade e vendo-a como ameaça. Fortaleceu-se um sujeito que investe na felicidade individual e consumista, as relações reduzem-se as meras formalidades, o outro passa a ser um instrumento para alcançar a tal felicidade, isso tudo em nome do progresso idealizado pelo homem moderno.

Como bem colocam Spósito e Carrano (2003): “Ainda que não haja apenas uma juventude, mas várias, a ideia da juventude relaciona-se às transformações, ela representa o

futuro em uma perspectiva de formação de valores e atitudes das novas gerações” (SPÓSITO; CARRANO, 2003, p. 17). Segundo Abramovay (2008), o desafio, hoje, parece ser o de encontrar os fios para tramar a continuidade, construindo uma experiência de tempo que possibilite passar pela variedade e pela mudança sem se perder. [...] pode-se dizer que os jovens vivem, na contemporaneidade, em uma época de profundas transformações, aí incluídas as de cunho econômico e moral, que afetam de modo indelével, sua transição para a vida adulta.

Os jovens vivem intensamente as contradições deste tempo, pois as incertezas próprias da idade são agravadas pelas incertezas desta época, tendo em vista as referências para a compreensão do tempo. Cada vez mais, convive-se com tempos marcados pela subjetividade, fragmentação e ritmos diferenciados.

2.3 A relação paterna no processo do educar para a alteridade

Ante as mudanças instauradas pela modernidade, como diz Singly (2000), especificamente a de individualização, que introduz as matizes da autonomia e independência nos relacionamentos, bem como a regência das relações interpessoais com base em padrões de satisfação pessoal. A família segundo Lipovetsky (2004) é desafiada no cotidiano de suas relações, não perder do seu horizonte, o espaço de convivência que possibilita o encontro com o outro/a, a construção de vínculos duradouros que se estendem no tempo, o compartilhar de dificuldades e a convergência de desejos.

Os três casos pesquisados mostraram que a relação com a alteridade, manifestada através do envolvimento paterno, coloca-se como fundante, como necessária para formação da pessoa.

A atuação do pai nessa direção de pensamento e de acordo com Giussani (2000), traz à reflexão a responsabilidade, o compromisso e o cuidado para com o outro(a), com quem se convive, são imprescindíveis para a realização de potencialidade inerentes ao ser humano.

É sobre esta visão que o pai torna-se fundamental na relação com o adolescente. Quando sua função é pautada em motivos de cuidado e responsabilidade para com o outro/a, as relações com a estrutura universal e familiar tendem a contribuir beneficentemente para o desenvolvimento dos filhos em formação, os quais serão capazes de colocar em prática a empatia e o diálogo na relação interpessoal. O pai como função está ligado ao mundo das representações simbólicas internalizadas em cada um de nós.

Os resultados encontrados revelaram como os jovens dão significativa importância aos valores e atitudes positivas transmitidas pelo pai. Uma característica em comum no estágio da adolescência percebida pelos entrevistados é a transitoriedade, um momento de mudanças e de descobertas na fase da adolescência, e este elemento influi nos modelos a serem espelhados e rejeitados.

É interessante notar na fala da adolescente Cleide, que o pai tem um importante papel no alcance da virtude de força do filho. A virtude é vista como um valor transmitido aos filhos por um ensinamento de justiça familiar, mostrando para eles os seus próprios limites e suas capacidades, ou seja, transmitem o que se tem de melhor para os filhos, algo excelente, uma educação que o capacite para uma vida de atitudes de respeito ao outro.

Pode-se afirmar que o contexto visto no modelo da teoria de Bronfenbrenner, especificamente o microsistema, na qual a pessoa em desenvolvimento passa boa parte do tempo em interações com membros mais próximos da família, contribui prioritariamente para a formação da personalidade do indivíduo.

Mais do que qualidades e traços individuais, a paternidade é feita de relações. Assim, conforme Petrini (2010), a figura do pai constitui-se em símbolo que tem significado, num contexto de relações familiares, que possibilita seu reconhecimento, valorização e atuação. Também para Lamb (2010), mais importante do que as características individuais de cada pai, são aquelas que acompanham a relação pai-filho. É importante mencionar nas entrevistas que há, em comum, influências paternas positivas.

Percebe-se também através das falas dos entrevistados que conforme Lamb (2010), pais influenciam direta e indiretamente os filhos, mediante comportamentos e atitudes e mensagens que lhes transmitem. A forma direta acontece por meio da interação direta do filho, que inclui dentre outras, situações de ensino, linguagem. Pais influenciam indiretamente os filhos, quando, por exemplo, mesmo não estando com eles, estão disponíveis para atender suas necessidades. Para este autor a interação diz respeito ao tempo passado em interação efetiva com o filho.

De modo resumido a responsabilidade traz consigo a noção de tomar as medidas necessárias para assegurar os cuidados emocional e interpessoal com o filho.

CASO 1 – CLEIDE

É uma adolescente de 13 anos de idade, cuja rotina semanal consiste em frequentar a escola pela manhã, além de fazer sempre alguma atividade com a família que é composta pela

sua mãe, pai e seus avós. Já nos finais de semana, além de estudar, participa de algum evento cultural com sua família e vai visitar alguns parentes e amigos. A entrevistada vê a família como importante para sua base e construção de seus princípios.

Destaca o pai como uma pessoa séria que a faz pensar em suas ações e refleti-las. Tirando das situações, alguma coisa que tenha algum efeito positivo para ela.

Ressalta que, apesar de ser uma família com poucos membros, ela se senti bastante amparada por eles. Para ela, a principal qualidade que a sua família apresenta é a união quando um dos membros se encontra em dificuldade. Descreve sua vida familiar como muito boa e que nada lhe desagrada em relação a sua família.

Avalia a convivência com seus amigos como sendo muito boa, pois consegue manter uma relação de harmonia prazerosa e de trocas de ideias, que acha muito importante para seu desenvolvimento pessoal, acrescenta o que lhe agrada quando está com os amigos é o respeito que um tem pelo outro.

Quando o assunto trata de convivência social, Cleide se considera uma pessoa fácil de conviver com as outras pessoas, pois não gosta de ficar sozinho e informa que lhe agrada bastante fazer amizades e conhecer pessoas diferentes do seu convívio diário.

Cleide considera que adolescência é uma fase normal e que tem convivido com ela sem transtorno algum procurando aproveitar bastante, pois sabe que quando se tornar adulto terá muitas responsabilidades. Em relação às perspectivas futuras, Cleide diz que pretende constituir uma família esperando ser capaz de orientar da mesma forma que seus pais e avós têm feito com a família dela. São seus planos familiares: ajudar as pessoas, se possível ser um ativista em relação a qualquer tipo de preconceito que venha causar dor no outro.

CASO 2 – DÉBORA

Débora é uma adolescente de 15 anos que vive com o pai e a mãe. Considera que sua família é formada pelo padrasto, mãe, avô, uma irmã, tias e primos. É uma jovem solteira. Sua rotina semanal é corrida, às vezes tem muitas atividades para fazer na escola.

A entrevistada descreve a família como algo importante. Caracteriza como uma família unida. Quando perguntada sobre o que lhe desagrada na sua vida familiar, a entrevistada responde “muitas vezes as pessoas são um pouco grossa”. É uma jovem que não tem uma boa relação com o pai. Considera o padrasto como pai e valoriza os ensinamentos de união, respeito e amor transmitido por ele.

Quando abordada sobre a convivência social, informa que o avô a leva para a escola na maioria das vezes e a mãe só a leva quando são outros lugares. Débora coloca que lhe desagrada na sua vida em sociedade é a violência e a corrupção que sofremos a cada dia. Concebe a adolescência como algo complicado na vida devido às cobranças da família e, quando indagada sobre o que é ser adolescente, informa que é uma coisa gostosa de ser, pois se pode tudo, ser tudo; mas ao mesmo tempo diz que não é nada disso.

Ao abordar sobre o que considerou desagradável em sua vida e o que lhe pode ajudar a amadurecer e a desenvolver-se, a participante responde que ao passo que for crescendo, irá descobrir novas possibilidades de lidar consigo mesma. Sobre as perspectivas futuras, pretende daqui a cinco anos ser aprovada em concurso público e estar fazendo o curso de Medicina. Daqui a dez anos, ter concluído o curso na faculdade. Pretende constituir família, fazer a faculdade para cuidar de pessoas.

CASO 3 – JOÃO

João tem 13 anos de idade e vive com o pai, mãe e duas irmãs. Coloca que sua família é composta pela mãe, pai, duas irmãs, primos e duas avós. Durante a semana, vai para a escola e joga bola. Refere-se ao pai como uma pessoa com quem sempre poderá contar na sua vida, através dos seus ensinamentos de valores, justiça e de respeito aos outros. Descreve a família como um ambiente estável e que nada lhe desagrada neste meio familiar.

Define a adolescência como uma fase da infância à fase adulta. Considera-se um rapaz habilidoso. Quando perguntado sobre o que lhe considerou desagradável e o que pode lhe ajudar a amadurecer e desenvolver-se, afirma que é a cobrança aos estudos. No aspecto do que pode lhe prejudicar, pontua que nada pode lhe prejudicar. Sobre as perspectivas futuras, João acha que daqui a cinco anos estará continuando a estudar. Tem planos de construir uma família e ser um engenheiro.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

No que se refere às relações familiares é muito fácil perceber que estas são constitutivas do ser humano, desde a dimensão biológica até a estruturação do adolescente, como bem coloca Donati (2008) a família permanece como lócus privilegiado e imprescindível de formação humana. Mas também as mudanças intensas de paradigmas e valores que passam a sociedade incidem poderosamente sobre a forma de estar no mundo.

Cabe também destacar que o envolvimento paterno através da interação e responsabilidade efetiva do pai na educação do jovem, contribui como um bem que move e orienta os filhos nesta fase tão delicada e cheia de incertezas que é a adolescência, e os fortalecem na sua formação pessoal, tornando-se sujeitos mais seguros e satisfeitos.

Portanto, verifica-se dentro desse contexto de transformação fluída na sociedade, é que a figura paterna aparece como elemento importante, significativo e construtivo na socialização primária e nas relações simbólicas de respeito e reconhecimento do outro, principalmente como modelo de referência para o adolescente. Por fim, por ser um campo de extrema complexidade, levanta-se a necessidade de se realizar estudos mais aprofundados.

REFERÊNCIAS

- ABRAMOVAY, M. e CASTRO, M.G. **Juventude, Juventudes**: o que une o que separa. Brasília: UNESCO. 370p.
- BAUMAN. Z. **Tempos líquidos**. Rio de Janeiro. Jorge Zahar, 2007.
- ALVES, M. A.; GHIGGI, G. Levinas e a educação: da pedagogia do Mesmo à pedagogia da Alteridade. **Revista Sul-Americana de Filosofia e Educação**, n. 15, p. 95-111, 2011.
- ALVES, M. A.; GHIGGI, G. Pedagogia da alteridade: o ensino como condição ético-crítica do saber em Levinas. **Educação e Sociedade**. v. 33, n.119, p. 577-591, 2012^a.
- BRONFENBRENNER, U. **A ecologia do desenvolvimento humano**: experimentos naturais e planejados. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.
- CÉSAR, A.M.R.V.C. Método do estudo de caso (Case Studies) ou método do caso (Teaching cases)? **Revista Eletrônica Mackenzie de Casos**, São Paulo, v. 1, n. 1,2005. Disponível em: http://www.mackenzie.br/fileadmin/Graduacao/CCSA/remac/jul_dez_05/06.pdf. Acesso em: 08 nov. 2017.
- GERALDI, J.W. FREIRE. P. e BAKHTIN. M. O encontro que não houve. In:_____. **Diálogos através de Paulo Freire** - Coleção Querer Saber 1. Disponível em: http://www.ipfp.pt/publicacoes/N_3%20Dialogos%20atraves%20de%20Paulo%20Freire.
- GIUSSANI, L. **O senso religioso**: primeiro volume do Percorso. Tradução de Paulo Afonso. E. Oliveira. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.
- KEHL, M.R. A Juventude Como Sintoma de Cultura. In: NOVAES, R.; VANNUCHI, P. (Orgs.). **Juventude e Sociedade**: trabalho, educação, cultura e participação. Rio de Janeiro: Editora Fundação Perseu Abramo, 2004.
- LAMB, M. O papel do Pai em Mudança. **Análise Psicológica**, 1 (x), 19-34,1992.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. A. **Fundamentos de metodologia científica**. 6 ed. São Paulo: Atlas, 2007.

LÉVINAS, E. **Da existência ao existente**. Campinas, SP: Papirus, 1998.

LÉVINAS, E. **Entre Nós: ensaio sobre a alteridade**. Petrópolis: Vozes, 1997.

LIPOVETSKY, G.; CHARLES, S. **Os tempos hipermodernos**. Tradução de Mário Vilela. São Paulo: Barcarolla, 2004.

MEYER, M. **Petite métaphysique de la différence**. Paris: Librairie Générale Française, 2000.

MINAYO, M.C.S.; SANCHES, O. Quantitative and qualitative methods: opposition or complementarity. **Cad. Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 9, n. 3, p. 239-262, jul/sep, 1993.

PETRINI, J.C. Introdução. In: Moreira, L.V.C.; PETRINI, G. BARBOSA, F.B. **O Pai na Sociedade Contemporânea**. São Paulo: EDUSC: 2010.

SINGLY, F. de. **Sociologia da família contemporânea**. Rio de Janeiro: FGV, 2007.

SPÓSITO, M.P.; CARRANO, P.C.R. Juventudes e políticas públicas no Brasil. In: DÁVILA LÉON, Oscar (Org.). **Políticas públicas de juventude em América Latina: políticas locais**. Viña del Mar: CIPDA, 2003. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n24/n24a03>. Acesso em: 13 nov. 2015.

YIN, Robert. **Estudo de caso: Planejamento e métodos**. 4 ed. Porto Alegre: Artmed Editora, 2010.